



CONVERGÊNCIAS FENOMENOLÓGICAS E HUMANISTAS-EXPERIENCIAIS NUMA PERSPECTIVA DE PSICOPATOLOGIA BASEADA EM PROCESSOS

LUCIA MARQUES STENZEL*

Phenomenological and Humanistic-Experiential Convergences in Process-Centered Psychopathology Perspective

Convergencias Fenomenológicas y Humanistas-Experientiales en una Perspectiva de Psicopatología Centrada en Procesos

Resumo: Este estudo teórico investiga a interseção e a complementaridade entre as perspectivas fenomenológicas e humanistas-experienciais na compreensão da psicopatologia e do diagnóstico, com foco no processo psicoterapêutico. O trabalho demonstra como, tanto sob uma perspectiva histórica quanto contemporânea, esses referenciais teóricos convergem para oferecer uma visão mais integrada e centrada nos processos experienciais, narrativos e intersubjetivos do sofrimento humano. A discussão destaca as bases teóricas da abordagem humanista-experiencial, que priorizam um raciocínio clínico sensível à experiência vivida, alinhando-se à psicopatologia fenomenológica e contrapondo-se aos modelos tradicionais de diagnóstico. Ademais, enfatiza-se a origem humanista da pesquisa em psicoterapia centrada no processo, bem como a relevância do raciocínio idiográfico e abduutivo fundamentado na observação empírico-fenomenológica. Por fim, conclui-se sobre a importância dos métodos qualitativos em psicologia, que oferecem uma forma distinta de objetividade, com rigor metodológico e validação intersubjetiva no estudo dos fenômenos psicológicos.

Palavras-chave: psicopatologia fenomenológica, intersubjetividade, psicoterapia, processos narrativo-emocionais.

Abstract: This theoretical study explores the intersection and complementarity between phenomenological and humanistic-experiential approaches in understanding psychopathology and diagnosis, focusing on the psychotherapeutic process. It demonstrates how, from both historical and contemporary perspectives, these theoretical frameworks converge to offer a more integrated view centered on experiential, narrative, and intersubjective processes of human suffering. The discussion highlights the theoretical foundations of the humanistic-experiential paradigm, which prioritize an experience-near clinical reasoning, aligning with phenomenological psychopathology and opposing traditional diagnostic models. Furthermore, it emphasizes the humanistic roots of process-centered psychotherapy research, as well as the significance of idiographic and abductive reasoning based on phenomenological observation. Finally, it concludes by underscoring the importance of qualitative methods in psychology, which provide a distinct form of objectivity, methodological rigor, and intersubjective validation in the study of psychological phenomena.

Keywords: phenomenological psychopathology, intersubjectivity, psychotherapy, narrative-emotion process.

Resumen: Este estudio teórico explora la intersección y la complementariedad entre los enfoques fenomenológicos y humanistas-experienciais en la comprensión de la psicopatología y el diagnóstico, con un enfoque en el proceso psicoterapéutico. Demuestra cómo, desde una perspectiva tanto histórica como contemporánea, estos marcos teóricos convergen para ofrecer una visión más integrada, centrada en los procesos experienciais, narrativos e intersubjetivos del sufrimiento humano. La discusión resalta los fundamentos teóricos del paradigma humanista-experiencial, que priorizan un razonamiento clínico sensible a la experiencia vivida, alineándose con la psicopatología fenomenológica y oponiéndose a los modelos diagnósticos tradicionales. Además, se enfatizan las raíces humanistas de la investigación psicoterapéutica centrada en los procesos, así como la relevancia del razonamiento idiográfico y abductivo basado en la observación fenomenológica. Finalmente, se concluye destacando la importancia de los métodos cualitativos en psicología, que ofrecen una forma distinta de objetividad, rigor metodológico y validación intersubjetiva en el estudio de los fenómenos psicológicos.

Palabras clave: psicopatología fenomenológica, intersubjetividad, psicoterapia, procesos narrativo-emocionales.

* Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA, Porto Alegre/Brasil). Email: lstenzel@ufcspa.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2040-1998>



Os avanços recentes de pesquisa em psicoterapia têm se concentrado cada vez mais na compreensão dos processos de mudança e na natureza co-participativa da terapia, com um dos grandes focos para a tomada de decisão clínica. Uma colaboração internacional envolvendo dezenove pesquisadores em psicoterapia destacou os benefícios da pesquisa qualitativa no desenvolvimento de diretrizes práticas para o tratamento de distúrbios e questões específicas de saúde mental (Levitt et al., 2024). Essa colaboração defende uma abordagem mais abrangente e orientada para os processos da psicoterapia, além de um maior reconhecimento da complexidade das experiências vividas. Os autores argumentam que a investigação voltada para os processos envolvidos no tratamento, incluindo a dinâmica interna das sessões, os contextos culturais, as relações interpessoais e as experiências vividas, oferece uma perspectiva investigativa e prática muito valiosa. Tal abordagem garante que a prática clínica se mantenha atenta às necessidades dos clientes ao longo de todo o processo terapêutico, promovendo uma compreensão mais profunda das perturbações psicológicas e do sofrimento humano.

A identificação das necessidades dos clientes momento a momento na terapia e uma perspectiva centrada nos processos sobre o sofrimento humano deram origem ao termo “pesquisa baseada em processos” (PBP), introduzido em 1986 pelo teórico humanista Leslie Greenberg. Greenberg (1986) definiu a PBP como uma tentativa de “identificar, descrever, explicar e prever os efeitos dos processos que provocam a mudança terapêutica” (p. 4), com o objetivo de superar a dicotomia tradicional de pesquisa de “processo e resultado” (Elliott, 2010). Quase quarenta anos depois, Greenberg (2024) revisita o tema, observando que seu foco na intersubjetividade e nos processos psicoterápicos momento a momento, tanto na pesquisa como na prática psicoterápica, contribuiu não só para a pesquisa empírica em psicoterapia, mas também para uma abordagem que ele define como essencialmente fenomenológica, a qual ele denomina como “abordagem experiencial baseada na fenomenologia”.

A discussão sobre a perspectiva intersubjetiva e experiencial para a compreensão da psicopatologia tem sido um foco central para os teóricos alinhados à perspectiva fenomenológica. Applebaum (2023), ao revisar o trabalho de pensadores que historicamente se dedicaram à psiquiatria fenomenológica para o tratamento da esquizofrenia, argumenta que a concepção de sujeito de Husserl - não como egos independentes, mas como seres que emergem a partir da consciência do outro semelhante a si - oferece uma base sólida para compreender a intersubjetividade e a comunicação nos contextos terapêuticos. Além disso, autores contemporâneos da psicopatologia fenomenológica, como Fuchs et al. (2019) e Messas (2023), têm feito contribuições significativas para o campo. Eles posicionam a fenomenologia como uma ciência fundamental tanto para o conhecimento psicopatológico quanto para a teoria e a prática da psicoterapia. Esses autores afirmam que entender as experiências vividas e a natureza intersubjetiva da existência humana é essencial para uma abordagem mais abrangente e empática da terapia. Ao enfatizar as dimensões intersubjetivas e relacionais da saúde mental, a psicopatologia fenomenológica oferece valiosas contribuições que desafiam e enriquecem os modelos tradicionais de diagnóstico e psicoterapia.

De acordo com Fuchs et al. (2019), a fenomenologia oferece uma abordagem que captura a existência humana em todas as suas dimensões, desde a autopercepção e a corporeidade (incluindo suas formas pré-reflexivas e inconscientes), até a espacialidade, a temporalidade, a narrativa e a intersubjetividade. Além disso, proporciona uma perspectiva que situa os transtornos mentais não nas complexidades ocultas do cérebro ou em regiões obscuras da psique do paciente, mas sim em suas experiências vividas e relações interpessoais. Messas (2023) destaca que a psicopatologia fenomenológica pode ser abordada de duas maneiras básicas: uma psicologia descritiva que vê a fenomenologia como uma perspectiva de primeira pessoa - vinculada às bases fenomenológicas de Karl Jaspers (1883-1969) - e outra que compreende a fenomenologia como uma ciência de segunda pessoa. Para o autor, a perspectiva de segunda pessoa constroi com o paciente uma hermenêutica sintética entre a narrativa do paciente em primeira pessoa e as propostas de compreensão fenomenológica feitas por alguém (terapeuta) que coabita esse mundo. Para Messas (2023), o terapeuta é, portanto, parte do mundo constituinte da pessoa/paciente.

Embora pensadores da fenomenologia contemporânea, como Fuchs et al. (2019) e Messas (2023), não façam uma referência explícita a pensadores humanistas-experienciais tradicionais, como Eugene T. Gendlin (1926–2017) e Carl R. Rogers (1902–1987) - que destacaram a importância da relação terapêutica e do processo co-constutivo de significados - é possível identificar conexões entre essas perspectivas teóricas. Parece haver convergências implícitas entre a psicopatologia fenomenológica contemporânea e a abordagem humanista-experiencial, especialmente na forma como ambos lidam com conceitos e temas centrais de compreensão da psicopatologia, evidenciando uma coerência subjacente na compreensão sobre a prática psicoterápica e na visão de diagnóstico.

Este estudo teórico tem como objetivo explorar mais profundamente as fundações fenomenológicas de uma perspectiva de psicopatologia centrada no processo, desenvolvidas por pesquisadores humanistas-experienciais contemporâneos que se dedicam à investigação dos processos de mudança na psicoterapia (Greenberg, 2024). A proposta deste artigo visa relacionar a perspectiva fenomenológica de psicopatologia, tomada de decisão clínica e pesquisa ao campo da pesquisa baseada em processos, especialmente aos processos narrativo-emocionais. O estudo se apoia no argumento de que psicólogos humanistas que trabalham com abordagens centradas no processo frequentemente negligenciam as raízes fenomenológicas de seu trabalho, uma preocupação já levantada por Ro-



gers (1963). Por outro lado, pesquisadores da psicopatologia fenomenológica contemporânea, como Fuchs et al. (2019) e Messas (2023), também parecem não reconhecer plenamente as contribuições inovadoras da perspectiva humanista-experiencial para uma compreensão do sofrimento humano centrada no processo da psicoterapia e no engajamento intersubjetivo da dupla terapêutica.

O manuscrito está organizado em cinco seções. A primeira seção abordará a interseção entre as abordagens humanistas-experienciais e a psicopatologia fenomenológica, demonstrando como os insights de ambos os campos podem aprimorar a pesquisa sobre a mudança psicoterapêutica e aprofundar a compreensão da psicopatologia centrada no processo. A seção seguinte examinará como o diagnóstico é concebido nas terapias humanistas-experienciais, com ênfase especial na experiência vivida, contrastando essa perspectiva com outros modelos diagnósticos. A terceira seção destacará metodologias que priorizam o raciocínio idiográfico e abduutivo, com o intuito de oferecer insights clínicos fundamentados na observação fenomenológica dos fenômenos psicológicos. Em seguida, o texto abordará as abordagens centradas no processo, explorando como esses métodos esclarecem os processos experienciais que orientam o raciocínio diagnóstico e clínico, ao adotar uma perspectiva idiográfica e abduitiva para a compreensão dos fenômenos. Finalmente, o manuscrito discutirá como as pesquisas empíricas sobre os processos narrativo-emocionais contribuem para a nossa compreensão da saúde mental e orientam intervenções terapêuticas a partir de uma perspectiva centrada no processo.

Perspectivas Convergentes sobre Diagnóstico e Psicopatologia

Na prática clínica, o trabalho terapêutico depende amplamente de conhecimentos prévios relevantes, incluindo insights teóricos, experiência clínica, compreensão geral da condição humana e o contexto específico do cliente (Goldman & Greenberg, 2015). Além disso, como bem aponta Sousa (2017), qualquer modelo abrangente de psicoterapia deve estar fundamentado em uma compreensão clara de psicopatologia. O referencial teórico deve fornecer uma base para a compreensão do desenvolvimento psicológico, uma explicação para as perturbações ou o sofrimento humano, e uma teoria que fundamente os processos de mudança. Segundo o autor, para que a psicoterapia seja eficaz, é essencial que ela se baseie em uma compreensão sólida de psicopatologia que possa informar e orientar a prática clínica.

A psicopatologia fenomenológica foi inicialmente desenvolvida para oferecer uma compreensão mais clara da doença mental, paradoxalmente alinhada com a busca por uma maior “objetividade” no diagnóstico psiquiátrico (Messas, 2023). Embora enfatize a reflexão e o questionamento da ontologia da doença mental, essa abordagem foca no reconhecimento dos estados alterados dos indivíduos dentro de seus contextos pessoais. No entanto, segundo Messas (2023), surge um conflito significativo entre esse interesse fenomenológico e as perspectivas filosóficas de base. Influenciados pelo pensamento heideggeriano e psicanalítico, muitos estudiosos do campo resistem ao conceito de diagnóstico, em parte devido ao predomínio de sistemas diagnósticos operacionais e nominalistas, baseados em listas de verificação de sintomas, além da resistência ao estigma associado aos rótulos diagnósticos.

Apesar dessa resistência, Messas (2023) argumenta que o diagnóstico continua sendo crucial na prática clínica. Ele afirma que o campo da prática clínica foi fundamentalmente moldado pela noção de diagnóstico e que os clínicos desempenham um papel único ao contribuir para as discussões sobre o tema. Messas (2023) destaca que a psicopatologia fenomenológica deve manter a viabilidade e a necessidade do diagnóstico para identificar interrupções no desenvolvimento histórico do self. O desafio atual da psicopatologia fenomenológica é lidar com as complexidades do diagnóstico - incluindo suas questões e limitações - sem rejeitar seu papel positivo e sua existência.

Uma resistência similar ao diagnóstico também ocorreu na história das abordagens humanistas, que se distanciaram de qualquer tentativa de definir a psicopatologia. No entanto, há um crescente corpo de pesquisa e desenvolvimento teórico que aborda a compreensão da psicopatologia - e, conseqüentemente, do raciocínio clínico e diagnóstico - centrada no engajamento intersubjetivo da dupla terapêutica ao longo do processo da psicoterapia. Fortemente influenciados pelo trabalho de Rogers e Gendlin, observa-se um crescente interesse de clínicos e pesquisadores na investigação e avaliação do sofrimento humano, não por meio de categorias diagnósticas (como aquelas do DSM-IV ou CID-10), mas considerando as maneiras únicas pelas quais cada pessoa experiencia seu mundo, adotando uma perspectiva personalizada e sensível ao contexto da experiência vivida (Timulak, 2024).

A tradição humanista-experiencial sempre se contrapôs à natureza estruturada e diagnóstica da formulação de caso, pois prioriza a relação terapêutica e o processo co-constutivo de elaboração de significados entre cliente e terapeuta (Goldman & Greenberg, 2015). Mesmo as perspectivas neo-humanistas e integrativas, como a Terapia Focada na Emoção (TFE), não se baseiam em um plano de tratamento pré-determinado originado de um diagnóstico inicial. Em vez disso, a formulação de caso e o diagnóstico dentro dessa perspectiva são orientados pelo processo, evoluindo de maneira aberta e colaborativa com o cliente ao longo da terapia, com foco na experiência vivida do cliente a cada momento do processo psicoterápico (Goldman & Greenberg, 2015; Timulak, 2024).

Diagnóstico e psicopatologia na tradição humanista-experiencial

Desde a primeira publicação do *Diagnostic and Statistical Manual* (DSM) em 1952, a psicologia adotou predominantemente uma compreensão objetificada e medicalizada do sofrimento humano. Devido à sua estreita associação com o diagnóstico médico, o DSM oferece uma compreensão da psicopatologia fundamentada principalmente em bases fisiológicas. Essa perspectiva passou a orientar a avaliação psicológica, a pesquisa e



o tratamento, tornando os protocolos de intervenção baseados em modelos psicopatológicos específicos predominantes tanto na prática quanto na pesquisa em psicologia (Hayes, Hofmann e Ciarrochi, 2020; Sampaio e Lotufo Neto, 2021). O DSM tornou-se então uma base exclusiva e imperativa para a compreensão dos distúrbios emocionais (Leitner e Phillips, 2003).

Na década de 1960, as abordagens humanistas tradicionais começaram a criticar a ampla adesão da psicologia ao modelo psiquiátrico de compreensão do sofrimento humano, que já dominava a pesquisa e a prática psicológica naquela época (Leitner e Phillips, 2003). Com a aliança formada entre a psiquiatria acadêmica tradicional, uma abordagem sindrômica do sofrimento e a pesquisa empírica em psicologia clínica, a ciência psicológica passou a focar nos seguintes interesses investigativos: avaliar o impacto de protocolos de tratamento; determinar sinais e sintomas; concentrar-se em entidades diagnósticas; e realizar ensaios clínicos randomizados controlados (Hayes, Hofmann e Ciarrochi, 2020).

Para os críticos da aliança entre psiquiatria e psicologia na compreensão do sofrimento humano, o DSM promove a eliminação do significado e da inteligibilidade nas origens dos pensamentos, sentimentos e ações humanas, tratando-os como elementos explicáveis exclusivamente por estruturas teóricas médicas, como genética e biologia (Johnstone e Boyle, 2018). Embora o diagnóstico seja, na realidade, apenas uma descrição de um padrão de apresentação de sintomas, ele tem sido tradicionalmente confundido com uma explicação dos mecanismos causais da doença (Goldman e Greenberg, 2015). No entanto, como destacam Hayes, Hofmann e Ciarrochi (2020), essa “era dos protocolos” está chegando ao fim, e novas abordagens “mais centradas na pessoa” estão sendo consideradas (p. 2).

Não é coincidência que modelos diagnósticos alternativos à abordagem sindrômica tradicional, como os modelos baseados em processos, sejam chamados de “centrados na pessoa”. Já na década de 1960, Rogers e Kinget (1977/1962) questionaram as premissas do diagnóstico médico e como estas foram transferidas para a psicologia. A ideia de que toda doença é o efeito de causas antecedentes e que simplesmente identificar e descrever essas causas constitui o núcleo da compreensão diagnóstica foi sistematicamente contestada pela Abordagem Centrada na Pessoa (Rogers & Kinget, 1977/1962).

O trabalho desenvolvido por Carl Rogers (1902–1987) e Eugene Gendlin (1926–2017), que introduziu uma perspectiva intersubjetiva da psicoterapia baseada na compreensão da relação e da comunicação entre terapeuta e cliente, assim como dos mecanismos de mudança da personalidade no processo terapêutico, pode ser considerado uma base para uma compreensão da psicopatologia centrada em processos.

Eugene Gendlin (1926/2017) foi um dos pensadores mais influentes na pesquisa e prática do campo humanista-experiencial, enriquecendo o conceito de mudança terapêutica de Rogers e oferecendo contribuições substanciais à pesquisa de processos (Rennie, Bohart e Pos, 2010). Ele liderou e participou do projeto de pesquisa sobre esquizofrenia com Carl Rogers na Universidade de Wisconsin, além de conduzir pesquisas independentes focadas na experiência incorporada. Em colaboração com Rogers, Gendlin desenvolveu trabalhos que envolviam a avaliação das narrativas dos clientes nas sessões, investigando os níveis de simbolismo na “experiência interna sentida”. Ele também foi responsável pela criação da *Experiencing Scale*, que mede os níveis de vivência com base em critérios gramaticais, expressivos, paralinguísticos e de conteúdo (Rennie, Bohart e Pos, 2010). A Escala de Experiência possibilita a avaliação de estados psicológicos não com base em categorias diagnósticas (como as do DSM-IV ou CID-10), mas por meio da análise da forma singular de vivenciar de cada pessoa (Messias, Bilbao e Parreira, 2013).

Além de seu trabalho importante envolvendo a avaliação das narrativas dos clientes nas sessões, Gendlin fez contribuições significativas relacionadas à presença latente de um self pré-expressivo, especialmente no contexto da psicoterapia com indivíduos com esquizofrenia. Esse trabalho também influenciou Garry Prouty (1937–2009), fundador da abordagem chamada de “Pré-Terapia” (*Pre-therapy*), que, assim como Gendlin, adotava uma abordagem terapêutica enraizada nas tradições fenomenológicas da psicologia e psiquiatria (Applebaum, 2023).

Dessa forma, Rogers e Gendlin colocam a intersubjetividade no centro da investigação psicoterapêutica, introduzindo uma perspectiva centrada em processos não apenas para o campo da psicoterapia, mas também como um eixo central para a compreensão do sofrimento humano. Ambos sugerem que a psicoterapia deveria ser avaliada em termos de um processo terapêutico contínuo, em vez de ser limitada por estruturas psicopatológicas específicas (Rennie, Bohart e Pos, 2010). Como observaram Rogers e Kinget (1977/1962), a terapia em si deve ser o verdadeiro e eficaz “processo diagnóstico”, desenvolvido por meio da experiência intersubjetiva, e não por meio do pensamento clínico monológico. Nesse caso, o diagnóstico é um processo contínuo e compartilhado, sensível tanto ao momento e ao contexto da sessão quanto ao desenvolvimento de uma compreensão mais abrangente da pessoa (Elliott & Greenberg, 2016). O foco deve ser direcionado ao processo, razão pela qual o conceito de “vivência”, e não apenas experiência, se tornou a base conceitual da Psicoterapia Experiencial, desenvolvida por Gendlin (1961).

Uma característica comum entre as escolas que integram o campo humanista-experiencial contemporâneo¹ é que, em termos diagnósticos, elas se baseiam muito mais em processos narrativos e experienciais do que em categorias diagnósticas. Embora as categorias nosológicas e os sintomas sejam por vezes também úteis para compreensão dos transtornos, segundo a tradição humanista, estes nunca devem ofuscar a experiência de sofrimento de uma pessoa (Goldman e Greenberg, 2015). Isso significa que o terapeuta humanista-experiencial foca principalmente no desenvolvimento de uma compreensão compartilhada das emoções dolorosas do cliente, dedicando apenas uma atenção secundária à sua sintomatologia.

¹ De acordo com Elliott e Greenberg (2016), a terminologia humanista-experiencial surge da confluência de tradições teóricas da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers (1902/1987), da Terapia Gestalt de Frederick Perls (1893/1970) e do Focusing de Eugene Gendlin (1926/2017), dando origem às escolas terapêuticas neo-humanistas que surgiram nas décadas de 1980 e 1990.



Para capturar essa “vivência” em termos de processo, é essencial adotar metodologias que estejam próximas da experiência vivida, capazes de explorar e interpretar as dinâmicas intersubjetivas da psicoterapia. Na próxima seção, a discussão se concentra em como metodologias próximas da experiência, com ênfase no raciocínio idiográfico e abdução, fornecem uma abordagem mais sutil e refinada para avaliar e compreender o sofrimento humano na psicoterapia.

Metodologias enraizadas na experiência: uma observação clínica fenomenologicamente fundamentada

A pesquisa clínica tradicional geralmente emprega métodos científicos que envolvem a formulação e teste de hipóteses, exigindo um controle rigoroso das condições experimentais. No entanto, como apontado por Schneider (1999), essa abordagem pode não refletir a complexidade e variabilidade da prática clínica real. Por exemplo, o ensaio clínico randomizado, frequentemente aclamado como o “padrão-ouro” para a avaliação de resultados em psicoterapia, tem sido alvo de críticas crescentes. Esse tipo de pesquisa depende fortemente de métodos hipotético-dedutivos-indutivos e exige controle rigoroso das variáveis experimentais.

Assim como na pesquisa, o raciocínio clínico e diagnóstico também pode ser dedutivo (baseado em teorias e princípios gerais) ou indutivo (baseado em observações específicas). No contexto das metodologias enraizadas na experiência, como as abordagens humanistas e experienciais (Goldman & Greenberg, 2015), o raciocínio clínico pode incluir o método idiográfico (focando nos detalhes únicos e individuais de um caso) e o raciocínio abdução (buscando a melhor explicação para os dados observados).

Schneider (1999), um reconhecido estudioso da abordagem existencial e fenomenológica em psicoterapia, enfatizou a necessidade de estudos sobre o sofrimento humano focados nos processos de mudança. Ele destaca a importância dos aspectos “processuais” do trabalho terapêutico, diferenciando-os dos aspectos exclusivamente centrados no conteúdo verbal. As dimensões processuais referem-se a como os clientes e terapeutas se comunicam, mais do que ao que eles explicitamente expressam. Essa atenção para o processo pode revelar aspectos ricos e previamente desconhecidos de experiência tanto para o terapeuta quanto para o cliente, facilitando o diálogo e permitindo uma elaboração vívida das impressões iniciais. Schneider (1999) enfatizou a importância de manter a fidelidade aos fenômenos tal como são vividos, em conformidade com o espírito fenomenológico de seu trabalho. Ele chama esse tipo de interesse de pesquisa de *experience-near methodologies* -traduzida neste texto como metodologias enraizadas na experiência -, que incluem formas de investigação fenomenológica, hermenêutica, baseada em casos, heurística e observacional (Schneider, 1999).

Esta proposta é radicalmente diferente dos estudos de caso tradicionais, como os das abordagens psicodinâmicas, que utilizam predominantemente um método indutivo-inferencial. Nas abordagens psicodinâmicas, as interpretações e análises visam unificar diversas experiências sob um quadro teórico comum, enfatizando os processos inconscientes e a influência do passado sobre a personalidade atual do cliente e seus problemas. Em contraste, Goldman e Greenberg (2015) argumentam que as abordagens humanistas-experienciais analisam e compreendem as experiências com base em detalhes específicos e individuais, momento a momento.

O pensamento fenomenológico está muito mais próximo das questões relativas à experiência direta, enquanto a psicologia freudiana é desenvolvida mais em termos de quadros de referência teóricos (de la Puente, 1980). Isso significa que os terapeutas se concentram na experiência imediata do cliente, incluindo suas emoções, interações e os processos narrativo-emocionais presentes na sessão. Diferentemente da abordagem nomotética, que busca estabelecer leis gerais ou padrões comuns, o raciocínio idiográfico visa compreender os aspectos particulares da vida, das experiências e do contexto de um cliente.

Abordagens baseadas em métodos de raciocínio dedutivo envolvem a formulação de hipóteses deduzidas a partir de premissas específicas concebidas antes do início da terapia. Goldman e Greenberg (2015) afirmam que a interpretação dedutiva compreende os comportamentos obsessivo-compulsivos, por exemplo, como decorrentes de pensamentos com conteúdos específicos, baseando-se em suposições teóricas em vez de observações fundamentadas em uma perspectiva fenomenológica.

Em contraste, Greenberg (2024) destaca que, ao concentrar-se no processo psicoterapêutico momento a momento, os terapeutas podem identificar estados experienciais durante a sessão, permitindo a elaboração de formulações de caso profundamente enraizadas na experiência fenomenológica. Essa mudança de foco afasta-se das estruturas e modelos fixos para uma compreensão das relações dinâmicas entre essas estruturas e a experiência vivida. O ato de experienciar (experienciação) torna-se um processo contínuo que sustenta a mudança terapêutica, sugerindo que tal mudança é inerentemente dinâmica e evolutiva (de la Puente, 1980). Portanto, a pesquisa fenomenológica, e consequentemente o raciocínio clínico, opera no modo de “descoberta” em vez de verificação (Applebaum, 2012), enfatizando a importância de compreender as experiências individuais à medida que se desenrolam na terapia, permitindo assim uma exploração mais rica e sutil dos fenômenos psicológicos.

A observação clínica fenomenologicamente fundamentada, referida por Schneider (1999) e Greenberg (2024), enfatiza que o desenvolvimento de formulações de caso exige uma observação cuidadosa das experiências do cliente durante as sessões terapêuticas. Esse processo envolve a construção de hipóteses fundamentadas nessas observações para então poder compreender o que foi identificado. Segundo os autores, essas avaliações não são simples deduções teóricas ou generalizações obtidas por meio de induções baseadas em observações repetidas. Em



vez disso, tratam-se de suposições criativas fundamentadas na teoria e ancoradas em uma perspectiva fenomenológica, com o objetivo de alcançar uma compreensão mais profunda da experiência imediata do cliente.

Dessa forma, em vez de adotar suposições “de cima para baixo” ao inferir padrões para situações específicas (como ocorre nas abordagens psicodinâmicas e cognitivo-comportamentais, por exemplo), o clínico que utiliza uma metodologia enraizada na experiência, fenomenologicamente fundamentada, emprega um raciocínio “de baixo para cima”, explorando os detalhes individuais e idiossincráticos das experiências específicas do cliente (Goldman & Greenberg, 2015). Porém, esses fenômenos clínicos não são diretamente observáveis. Assim, o clínico, em colaboração com o cliente, utiliza a comunicação para começar a construir um “mapa evidencial”, articulando junto de forma co-constitutiva com o cliente tanto os fenômenos quanto a compreensão de suas origens.

As abordagens humanistas-experienciais operam diagnosticamente dessa maneira, construindo um mapa evidencial de baixo para cima, que orienta uma decisão clínica singularmente adaptada a cada cliente. Essa construção baseia-se tanto na apresentação específica do cliente quanto na compreensão do caso desenvolvida pelo terapeuta (Timulak, 2024). Essa abordagem implica que o terapeuta não siga um conjunto rígido de procedimentos, mas ajuste suas intervenções de maneira personalizada. A responsividade do terapeuta refere-se à forma como ele adapta suas atitudes, técnicas e intervenções em tempo real, dependendo das necessidades, emoções e respostas do cliente durante o processo terapêutico. Essa adaptabilidade é central tanto para as bases fenomenológicas de compreensão clínica quanto para as abordagens humanistas-experienciais, destacando uma prática clínica enraizada na observação fenomenológica da experiência compartilhada com o cliente e adotando uma abordagem flexível e individualizada de diagnóstico e tratamento.

O pioneirismo das abordagens humanistas-experienciais nas metodologias enraizadas na experiência

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) foi uma das primeiras psicoterapias a desenvolver o raciocínio clínico idiográfico e abduutivo, colocando o processo terapêutico no centro do diagnóstico, em vez de apenas detectar e descrever sintomas (Miller & Moyers, 2017). Fortemente vinculada às suas origens rogerianas, a visão contemporânea humanista-experiencial de psicopatologia e avaliação diagnóstica centrada no processo visa, gradualmente - por meio da participação do cliente - verificar hipóteses provisórias sobre o sofrimento emocional (fenômeno) e, em seguida, formular hipóteses sobre as origens dessas observações clínicas. Como os autores ressaltam, isso envolve um entrelaçamento entre o contexto de descoberta e o contexto de justificação. Assim, a abordagem humanista reconhece a natureza probabilística dos mecanismos causais como um aspecto integrado do processo, sem se limitar a um momento inicial ou à suposição de uma estrutura latente - como descrito nas nosologias atuais - para os transtornos mentais (Sampaio & Lotufo Neto, 2021).

Nas abordagens humanistas-experienciais, a perspectiva centrada no processo ganhou significativa força nas décadas de 1980 e 1990, principalmente por meio do trabalho seminal de Laura Rice (1920-2004), considerada uma das pioneiras na pesquisa em psicoterapia baseada no processo (Watson & Wiseman, 2010). Segundo Watson e Wiseman (2010), foi na década de 1980, durante sua colaboração com Carl Rogers na Universidade de Chicago, que Rice desenvolveu sua expertise na ACP. Na década de 1990, em colaboração com os colegas Leslie Greenberg e Robert Elliott, Rice contribuiu para o desenvolvimento de uma nova abordagem psicoterapêutica chamada *Process-Experiential Psychotherapy* (Psicoterapia Processual-Experiencial). Essa abordagem enfatizou a investigação empírica e o estudo dos processos de mudança terapêutica e traçou as bases para uma abordagem contemporânea de psicoterapia intitulada *Emotion-Focused Therapy* (Terapia Focada nas Emoções - TFT) criada por Greenberg (Elliott & Greenberg, 2002; Elliott & Greenberg, 2007; Elliott et al., 2004).

Enquanto outras abordagens, como as psicodinâmicas, adotaram predominantemente um método indutivo-inferencial, as abordagens humanistas-experienciais começaram a adotar uma perspectiva qualitativa-hermenêutica, utilizando o método abduutivo para diagnóstico e formulação de casos (Goldman & Greenberg, 2015). Para essas abordagens, é por meio do processo terapêutico - isto é, observando e detectando fenômenos ao longo de múltiplas sessões - que as explicações para o fenômeno clínico e as formulações de caso abrangentes são derivadas (Goldman & Greenberg, 2015; Ward, Vertue & Haig, 1999).

Essa ideia está alinhada com a perspectiva fenomenológica em psicopatologia, que sustenta que o diagnóstico só pode ocorrer por meio da intersubjetividade, ou seja, a partir do engajamento intersubjetivo da diade terapêutica. Segundo essa visão, os transtornos mentais não são entidades objetivas e independentes, existentes em uma “realidade absoluta” (Messas, 2023; Fuchs, 2013). O “espaço intersubjetivo” na psicoterapia refere-se ao campo compartilhado de experiência e compreensão entre o terapeuta e o cliente. Esse espaço promove a co-construção de narrativas, possibilitando experiências emocionais profundas e favorecendo uma presença e compreensão únicas e mútuas dentro do encontro terapêutico (Stenzel, 2022). Abordar experiências psicológicas traumáticas requer não apenas a alteração de comportamentos externos, mas também a reavaliação de estados internos. Segundo Sousa (2017), essa abordagem está alinhada com o conceito de redução fenomenológica, tal como articulado por Husserl. Dentro desse contexto, a interação terapêutica torna-se um espaço de “espelhamento” - uma coexistência recíproca que transcende o tempo objetivo e a atitude natural. De uma perspectiva fenomenológica, o “real” só pode ser compreendido por meio de “como o outro aparece para mim e como eu apareço para o outro” (Messas, 2023, p. 18).



Esse ambiente terapêutico potencializa experiências emocionais profundas ao co-reduzir o espaço intersubjetivo, permitindo uma experiência distintiva e original de presença mútua e compreensão. O processo de co-redução do espaço intersubjetivo destaca como experiências, palavras e emoções estão profundamente entrelaçadas, uma vez que os sentimentos carecem da forma estruturada da linguagem. A comunicação, a linguagem e o contexto moldam a maneira como organizamos e compreendemos nossas experiências. A experiência é inerentemente contextual e está sempre acompanhada pela linguagem, que ajuda a diferenciá-la e defini-la (la Puente, 1980; Stenzel, 2022). A exploração de Husserl da experiência pura revelou sua dependência dessas relações externas. Assim, a experiência pura não pode ser estudada isoladamente, pois está sempre influenciada por sensações corporais, contextos culturais e expressão linguística (Sousa, 2017).

O trabalho de Gendlin (1961) destacou a complexidade da experiência e a relação estreita entre experiência e linguagem. Ele argumentou que isolar a experiência da linguagem usada para descrevê-la é um erro, pois, sem essa conexão, a experiência se torna vaga e obscura. Ao introduzir elementos pré-conceituais nas metodologias baseadas na experiência na terapia humanista-experiencial, Gendlin enfatizou que a mudança terapêutica profunda ocorre quando os indivíduos acessam seu *felt sense* e derivam significados e símbolos a partir da experiência sentida (Messias, Bilbao, & Parreira, 2013). O *felt sense* é o conceito cunhado por Gendlin (1961) para representar a mediação entre a experiência pré-conceitual e os símbolos, conectando as sensações intuitivas corporais à criação de novos significados.

Essa perspectiva é crucial ao considerar o papel dos processos narrativos na psicoterapia. De acordo com Goldman e Greenberg (2015), os processos narrativo-emocionais permitem que os problemas e a história de vida de um indivíduo forneçam uma imagem ou hipótese sobre o caso, momento a momento, tanto na forma quanto no conteúdo. A descrição narrativa, articulada e comunicada durante as sessões, organiza e representa uma interação complexa de sentimentos, ações, crenças e intenções. Através desses processos narrativos, os indivíduos revelam suas experiências diretas dessa interação complexa, oferecendo uma forma de “verdade evidencial” sobre sua identidade, pensamento e relações com os outros e com o mundo (Paivio & Angus, 2017).

Greenberg (2024) destaca o papel crucial dos processos narrativos no diagnóstico, afirmando que o sofrimento emocional é co-construído pelo cliente e pelo terapeuta durante a formulação do caso. Ao identificar os marcadores narrativo-emocionais (Angus & Greenberg, 2011), os terapeutas não apenas orientam intervenções específicas, mas também ganham uma compreensão mais profunda das emoções dolorosas subjacentes do cliente ao longo das sessões de terapia. A perspectiva humanista-experiencial da psicoterapia distingue entre lidar com sintomas imediatos e explorar vulnerabilidades emocionais mais crônicas (Timulak, 2024). Essa ênfase nas vulnerabilidades narrativas e emocionais destaca a importância de examinar mais profundamente esses processos, abrindo caminho para pesquisas que adotam uma abordagem empírico-fenomenológica na psicopatologia centrada no processo.

Essas considerações destacam a ideia de que a fenomenologia serve como uma base fundamental para entender a psicopatologia, assim como para a teoria e a prática da psicoterapia (Fuchs, Messas & Stanghellini, 2019). Ao abranger o espectro completo da existência humana - incluindo autoconhecimento, corporeidade, espacialidade, temporalidade, narratividade e intersubjetividade - essa perspectiva clínica fenomenologicamente fundamentada vê os transtornos mentais como diretamente relacionada com as experiências vividas, as relações e a comunicação (Stenzel & Gomes, 2023). Essa ênfase na experiência vivida ressalta a importância dos modelos narrativos na pesquisa, pois eles possibilitam uma compreensão mais profunda de como as pessoas constroem significados momento a momento, a partir de suas experiências, e de como esses significados configuram seu bem-estar emocional e psicológico.

A compreensão da psicopatologia por meio de processos narrativo-emocionais

De acordo com Elliott (2008), os métodos de pesquisa qualitativa em psicoterapia atualmente incluem uma variedade de abordagens, como fenomenologia empírica, teoria fundamentada, análise narrativa e análise do discurso. Esses métodos dependem de dados linguísticos em vez de dados numéricos e enfatizam a análise baseada em significados, ao invés de abordagens estatísticas. Essa variedade de métodos destaca o foco na compreensão dos fenômenos de forma indutiva e na exploração de questões de pesquisa abertas, em vez de simplesmente medir variáveis pré-definidas. Isso significa que os métodos qualitativos em psicoterapia se concentram na compreensão dos fenômenos de forma indutiva, envolvendo a exploração e descoberta de padrões e percepções a partir dos dados, sem hipóteses preconcebidas.

Na década de 1990, com o surgimento das terapias baseadas em processos (PBP), diversos estudos começaram a explorar os processos narrativos na psicoterapia por meio da análise de sessões gravadas de psicoterapia (Angus, 2012; Angus, Levitt, & Hardtke, 1999; Gonçalves, Matos & Santos, 2009). Esses estudos buscavam compreender como as narrativas dos clientes são reconstruídas e transformadas, destacando o papel da expressão narrativa na facilitação do processo de mudança e no aprimoramento da eficácia das intervenções em diferentes abordagens terapêuticas (Gonçalves & Angus, 2017).

Entre os diversos métodos de codificação narrativa disponíveis, dois modelos se destacam: o *Narrative-Emotion Process Coding System* (Sistema de Codificação de Processos Narrativo-Emocionais - NEPCS, 2.0), que investiga os marcadores de processos narrativo-emocionais (Angus et al., 2017; Stenzel & Angus, 2023), e o *Innovative Moments* (IMs), projetado para identificar a multivocalidade do self-dialógico no contexto de mudanças narrativas



(novas experiências, ações, pensamentos e auto-narrativas) (Gonçalves, Matos & Santos, 2009). Inicialmente, esses pesquisadores buscavam compreender os processos de mudança na psicoterapia. No entanto, a identificação dos marcadores de processos narrativos levou ao desenvolvimento de sistemas de codificação que não apenas facilitam investigações empíricas sobre os processos psicoterapêuticos, mas também auxiliam na identificação e avaliação de elementos para uma compreensão mais profunda da psicopatologia e do sofrimento emocional a partir de uma perspectiva centrada no processo. Os sistemas contemporâneos de codificação narrativa fundamentam empiricamente os esforços históricos das abordagens humanistas-experienciais na criação de metodologias fenomenologicamente fundamentadas, que possibilitam o acesso à experiência momento a momento, tanto em contextos investigativos quanto terapêuticos. Embora a conexão não seja explicitamente declarada, esses sistemas alinham-se com uma perspectiva fenomenológica sobre a compreensão da experiência.

Nas últimas décadas, contribuições significativas de autores como Angus e Greenberg (2011) e Gonçalves e Silva (2014) destacaram a relação entre o sofrimento psicológico e as auto-narrativas problemáticas. Esse enfoque na narrativa, sob uma perspectiva de processo e no engajamento intersubjetivo da dupla terapêutica, reforça uma abordagem teórica e psicoterápica que prioriza a co-construção de sentidos e significados, bem como sua dinâmica interação com a experiência vivida. Consequentemente, uma abordagem diagnóstica centrada no processo, enraizada nos processos narrativo-emocionais, está emergindo como uma alternativa às visões mecanicistas tradicionais da psicopatologia. Embora os autores não façam referência explícita à influência de pensadores da psicopatologia fenomenológica, os sistemas de codificação narrativo-emocionais ecoam o conceito de construção participativa de sentido, cunhado por Fuchs e De Jaegher (2009), pois também abordam a intersubjetividade a partir da ótica dos processos interativos, tornando-se uma opção empírico-fenomenológica para a compreensão da psicopatologia.

O termo “processos narrativos” é utilizado em vez de simplesmente “narrativa” para enfatizar o processo interativo no qual o cliente e o terapeuta se envolvem para transformar eventos em uma história significativa que organiza e representa o senso de si e dos outros no mundo (Angus, Levitt & Hardtke, 1999). Na perspectiva da psicopatologia fenomenológica, o ser humano - e consequentemente o senso de si - deve ser entendido de forma dialética, em termos de mobilidade e transformação (Messas, 2023). Essa escolha do termo “processo narrativo” reflete uma compreensão de base fenomenológica, que entende que a forma como articulamos nossas histórias e experimentamos a psicopatologia não é apenas resultado de funções cognitivas isoladas, mas sim um produto de nossa relação com o mundo. Portanto, compreender a psicopatologia por meio dos processos narrativos exige reconhecer que a construção do self e a experiência do sofrimento psicológico estão intimamente ligadas às nossas interações e relações com o ambiente ao nosso redor.

A partir dessas convergências teóricas, parece que tanto a perspectiva dos processos narrativos quanto a psicopatologia fenomenológica consideram a experiência compartilhada e a construção participativa de sentido como centrais para a prática clínica. Ambas perspectivas deslocam o foco de uma compreensão de psicopatologia centrada no cérebro para uma compreensão centrada na experiência vivida no processo terapêutico. Dentro dessas estruturas conceituais, a subjetividade é entendida como intersubjetiva (Fuchs, 2013; Messas, 2023), indicando que nenhuma narrativa em primeira pessoa pode ser articulada em termos absolutos. A compreensão fenomenológica da intersubjetividade como um processo de interação corporal que gera sentido compartilhado (Fuchs & De Jaegher, 2009) converge com a ênfase dada à intersubjetividade na perspectiva dos processos narrativo-emocionais, destacada pela abordagem humanista-experiencial. Em vez de a narrativa ser vista como algo estático, limitada a uma reconstrução intelectual do passado, ela é co-construída ao longo do processo terapêutico. Sua função primordial é manter o momento presente aberto às influências do mundo ao redor e da intersubjetividade - uma abertura que Messas (2023) descreve como a “abertura temporal do presente”.

No processo de tomada de decisão clínica é crucial compreender como a relação entre experiência e a narrativa se manifesta na psicopatologia. Essa conexão está alinhada às perspectivas tanto dos processos narrativos quanto da psicopatologia fenomenológica, pois ambas enfatizam a experiência compartilhada e a construção participativa de sentido na prática clínica. Como aponta Madeira (2015), os fenômenos psicopatológicos não são experiências isoladas, mas sim o resultado de uma integração estrutural de elementos (significado e experiência) que devem ser compreendidos de forma holística. Assim, um diagnóstico eficaz requer ferramentas capazes de captar a dinâmica desse “arranjo narrativo” (p. 26), reforçando a ideia de que as narrativas são co-construídas ao longo do processo terapêutico.

A abordagem narrativa-emocional (Angus et al., 2017; Paivio & Angus, 2017) adota um raciocínio clínico e metodológico descrito como “de baixo para cima”, pois busca explorar os detalhes únicos e específicos das experiências dos clientes. Essa abordagem auxilia profissionais e pesquisadores a formular questões e considerações essenciais que o processo psicoterapêutico deve abordar para aprofundar a compreensão do sofrimento humano. Entre os aspectos fundamentais estão os desafios enfrentados pelos indivíduos ao acessar e expressar memórias autobiográficas e emoções dolorosas, bem como na construção de significados que estejam alinhados com suas experiências - especialmente quando têm dificuldade em articular uma narrativa coerente sobre “o que aconteceu”, “como se sentiram” e “o que isso significa”. Além disso, a abordagem destaca a importância de identificar e expressar explicitamente necessidades existenciais e relacionais implícitas. Ela investiga maneiras de abrir-se a aspectos alternativos da experiência que possam desafiar ou desestabilizar uma visão dominante e “desadaptativa” de si mesmo, ao mesmo tempo em que promove novas conexões entre eventos da vida para criar novos significados.

Por meio do processo exploratório proposto por Paivio e Angus (2017), aspectos-chave, temas e questões centrais emergem, sendo denominados “marcadores narrativos,” que são acompanhados momento a momento du-



rante as sessões de psicoterapia. Quando identificados, esses marcadores narrativos não apenas abordam tanto as manifestações sintomáticas quanto as vulnerabilidades subjacentes mais profundas, mas também orientam a implementação de respostas terapêuticas mais eficazes ao longo do processo terapêutico. Assim, o diagnóstico é concebido como uma co-construção que surge da relação terapêutica, em vez de ser derivado exclusivamente de dados de terceiros coletados por um observador externo (Elliot & Greenberg, 2016). Esse enfoque na experiência vivida ressalta a relevância dos modelos narrativos na pesquisa, pois eles permitem uma compreensão mais aprofundada de como os indivíduos constroem significados a partir de suas experiências e como esses significados moldam seu bem-estar emocional e psicológico.

Considerações Finais

Embora não haja na literatura uma referência muito explícita das conexões intrincadas entre o pensamento fenomenológico contemporâneo e as teorias humanistas-experienciais, este estudo propõe e discorre sobre essa coerência teórica subjacente, discutindo conceitos fundamentais compartilhados buscando enriquecer uma compreensão de psicopatologia baseada em processos experienciais, intersubjetivos e narrativo-emocionais.

A invisibilidade dessas convergências parece decorrer, em parte, da suposição de que a pesquisa em psicoterapia baseada em processos está alinhada ao positivismo empírico dominante na ciência psicológica convencional. De fato, a “objetividade” é tradicionalmente associada às ciências naturais; no entanto, objetividade não deve ser confundida com “objetificação”. A fenomenologia, ao se posicionar como uma ciência humana fundamentada na experiência e no significado, preserva seu compromisso com o rigor científico, mas ainda enfrenta resistências e mal-entendidos, especialmente em sua relação com a pesquisa qualitativa em psicologia.

Entretanto, o esforço histórico da abordagem humanista para integrar uma perspectiva tripla de investigação - abrangendo as perspectivas de primeira, segunda e terceira pessoa - parece ganhar força com o desenvolvimento de novas propostas metodológicas. Essas iniciativas buscam conciliar a investigação empírica com a perspectiva fenomenológica, preservando a ênfase na validação intersubjetiva como elemento central para a construção de conhecimento em psicoterapia. Essa evolução sugere uma integração mais robusta entre o rigor científico e o compromisso com a experiência vivida, enfrentando os desafios impostos pelo paradigma tradicional.

Nesse contexto, novas abordagens diagnósticas e psicoterapêuticas emergem, centrando-se na observação contínua dos fenômenos ao longo de múltiplas sessões de psicoterapia. Essas abordagens buscam aprofundar a compreensão da experiência vivida pelo cliente em cada momento do processo terapêutico, reconhecendo, ao mesmo tempo, a complexidade e a natureza probabilística dos mecanismos causais dos transtornos mentais. Ao incorporar essa visão ao trabalho clínico, privilegia-se uma prática processual e contextual, orientada por uma compreensão detalhada e individualizada do cliente, e fundamentada em uma abordagem ampla e não linear para interpretar a causalidade nos fenômenos psicopatológicos.

Como exemplo dessa abordagem diagnóstica, que valoriza o caráter processual e contextual da prática clínica, destacam-se os sistemas de codificação de processos narrativo-emocionais. Esses sistemas proporcionam ferramentas valiosas para que terapeutas e pesquisadores analisem como os indivíduos expressam experiências dolorosas e se engajam na construção reflexiva de significados. Esse processo contribui para a elaboração de um mapa diagnóstico que reflete a experiência vivida ao longo do processo psicoterapêutico. Essa abordagem de psicopatologia baseada em processos se alinha à perspectiva fenomenológica, especialmente à abordagem de segunda pessoa, que destaca a natureza intersubjetiva dos fenômenos psicológicos. Nesse sentido, a narrativa - entendida como essencialmente intersubjetiva em ambas as abordagens teóricas - evidencia as dimensões relacionais e experienciais que moldam a constituição do self e a vivência do sofrimento. Assim, tanto a observação contínua dos fenômenos quanto a análise narrativa enfatizam a importância do contexto e da intersubjetividade na construção do diagnóstico e na compreensão profunda da experiência do cliente.

Em última análise, a convergência entre as perspectivas fenomenológicas e humanistas-experienciais destaca-se pelo foco na experiência vivida e narrada, como ela se desenrola no contexto da psicoterapia, momento a momento. Essa integração não só aprofunda nossa compreensão da saúde mental, mas também propõe uma visão ampliada de diagnóstico, contrastando com os modelos tradicionais. Além disso, reafirma o compromisso da psicologia com métodos qualitativos, promovendo um diálogo mais robusto entre as dimensões filosófica e prática e abrindo caminho para uma psicologia científica que valoriza as experiências intersubjetivas, fundamentada em uma teoria fenomenológica da ciência..

Referências

- Applebaum, M. (2012). Phenomenological psychological research as science. *Journal of Phenomenological Psychology*, 43(1), 36-72. <https://doi.org/10.1163/15691624-12341249>
- Applebaum, M. (2023). Saying before the said: Phenomenological reflections on Gertrud Schwing's A way to the souls of the mentally ill. *The Humanistic Psychologist*, 51(1), 87. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/hum0000268>



- Angus, L. (2012). Toward an integrative understanding of narrative and emotion processes in emotion-focused therapy of depression: Implications for theory, research and practice. *Psychotherapy Research*, 22(4), 367-380. <https://doi.org/10.1080/10503307.2012.683988>
- Angus, L., Levitt, H., & Hardtke, K. (1999). The narrative processes coding system: Research applications and implications for psychotherapy practice. *Journal of Clinical Psychology*, 55(10), 1255-1270. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4679\(199910\)55:10%3C1255::AID-JCLP7%3E3.0.CO;2-F](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4679(199910)55:10%3C1255::AID-JCLP7%3E3.0.CO;2-F)
- Angus, L. E., & Greenberg, L. S. (2011). Working with narrative in emotion-focused therapy: Changing stories, healing lives. American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/12325-000>
- Angus, L. E., Boritz, T., Bryntwick, E., Carpenter, N., Macaulay, C., & Khattra, J. (2017). The Narrative-Emotion Process Coding System 2.0: A multi-methodological approach to identifying and assessing narrative-emotion process markers in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 27(3), 253-269. <https://doi.org/10.1080/10503307.2016.1238525>
- Elliott, R. (2008). A linguistic phenomenology of ways of knowing and its implications for psychotherapy research and psychotherapy integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 18(1), 40. <https://doi.org/10.1037/1053-0479.18.1.40>
- Elliott, R. (2010). Psychotherapy change process research: Realizing the promise. *Psychotherapy Research*, 20(2), 123-135. <https://doi.org/10.1080/10503300903470743>
- Elliott, R., & Greenberg, L. S. (2002). Process-experiential psychotherapy. In D. J. Cain (Ed.), *Humanistic psychotherapies: Handbook of research and practice* (pp. 279-306). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10439-009>
- Elliott, R., & Greenberg, L. S. (2007). The essence of process-experiential/emotion-focused therapy. *American Journal of Psychotherapy*, 61(3), 241-254. <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.2007.61.3.241>
- Elliott, R., & Greenberg, L. S. (2016). *Humanistic-experiential psychotherapy in practice: Emotion-focused therapy*. In A. J. Consoli, L. E. Beutler, & B. Bongar (Eds.), *Comprehensive textbook of psychotherapy: Theory and practice* (2nd ed., pp. 106-120). American Psychological Association.
- Elliott, R., Watson, J. C., Goldman, R. N., & Greenberg, L. S. (2004). Learning emotion-focused therapy: The process-experiential approach to change. American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10725-000>
- Fuchs, T., & De Jaegher, H. (2009). Enactive intersubjectivity: Participatory sense-making and mutual incorporation. *Phenomenology and the cognitive sciences*, 8, 465-486. <https://doi.org/10.1007/s11097-009-9136-4>
- Fuchs, T. (2013). The phenomenology and development of social perspectives. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 12(4), 655-683. <https://doi.org/10.1007/s11097-013-9300-3>
- Fuchs, T., Messas, G. P., & Stanghellini, G. (2019). More than just description: Phenomenology and psychotherapy. *Psychopathology*, 52(2), 63-66. <https://doi.org/10.1159/000502266>. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31401631/>
- Gendlin, E. T. (1961). Experiencing: A variable in the process of therapeutic change. *American Journal of Psychotherapy*, 15(2), 233-245. https://www.focusing.org/gendlin/docs/gol_2082.html
- Goldman, R. N., & Greenberg, L. S. (2015). *Case formulation in emotion-focused therapy: Co-creating clinical maps for change*. American Psychological Association. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/14523-000>
- Gonçalves, M. M., & Angus, L. (2017). Narrative measures in psychotherapy research: Introducing the special section. *Psychotherapy Research*, 27(3), 251-252. <https://doi.org/10.1080/10503307.2016.1265687>
- Gonçalves, M. M., & Silva, J. R. (2014). Momentos de inovação em psicoterapia: Das narrativas aos processos dialógicos. *Análise Psicológica*, 32(1), 27-43. https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3209/1/2014_1_027.pdf
- Gonçalves, M. M., Matos, M., & Santos, A. (2009). Narrative therapy and the nature of “innovative moments” in the construction of change. *Journal of Constructivist Psychology*, 22, 1-23. <https://doi.org/10.1080/10720530802500748>



- Greenberg, L. S. (1986). Change process research. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54(1), 4-9. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.54.1.4>
- Greenberg, L. S. (2024). Process and beyond. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 54(4), 279-288. <https://doi.org/10.1007/s10879-024-09629-7>
- Hayes, S., Hofmann, S., & Ciarrochi, J. (2020). *Creating an alternative to syndromal diagnosis: Needed features of processes of change and the models that organize them*. In Hayes, S. C., & Hofmann, S. G. (Eds.). (2020). *Beyond the DSM: Toward a process-based alternative for diagnosis and mental health treatment*. New Harbinger Publications.
- Johnstone, L., & Boyle, M. (2018). The power threat meaning framework: An alternative nondiagnostic conceptual system. *Journal of Humanistic Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/0022167818793289>
- de la Puente, M. (1980). Pressupostos filosóficos da proposta de Eugene T. Gendlin para uma psicoterapia centrada na experiência. *Reflexão*, 5(16). <https://puccampinas.emnuvens.com.br/reflexao/article/view/10797>
- Leitner, L. M., & Phillips, S. N. (2003). The Immovable Object Versus the Irresistible Force: Problems and Opportunities for Humanistic Psychology. *Journal of Humanistic Psychology*, 43(3), 156-173. <https://doi.org/10.1177/0022167803043003013>
- Levitt, H. M., Hamburger, A., Hill, C. E., McLeod, J., Pascual-Leone, A., Timulak, L., Buchholz, M. B., Frommer, J., Fuertes, J., Iwakabe, S., Martínez, C., Morrill, Z., Knox, S., Langer, P., Muran, J. C., Oddli, H. W., Řiháček, T., Tomicic, A., & Tuval-Mashiach, R. (2024). Broadening the evidentiary basis for clinical practice guidelines: Recommendations from qualitative psychotherapy researchers. *American Psychologist*, 12 (51). Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/amp0001363>
- Madeira, L. (2015). Contributions Person-Centered Psychotherapy to Person Centred Psychopathology. *Revista Portuguesa de Psiquiatria*, 1(1), 25-31. <https://core.ac.uk/download/pdf/288057798.pdf>
- Messas, G. P. (2023). The hundred years of phenomenological psychopathology: Reflections on a worldview [Os cem anos da psicopatologia fenomenológica: Reflexões sobre uma visão de mundo]. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 12(2), 2-25. <https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i2.1134>
- Messias, J. C. C., Bilbao, G. G. L., & Parreira, W. A. (2013). *Psicoterapia Experiencial: avaliação e intervenção*. In: Bartholomeu, D., Montiel, J. M., Miguel, F. K., de Francisco Carvalho, L., & Bueno, J. M. H. (2023). *Atualização em avaliação e tratamento das emoções*. Vetor Editora.
- Miller, W. R., & Moyers, T. B. (2017). Motivational interviewing and the clinical science of Carl Rogers. *Journal of consulting and clinical psychology*, 85(8), 757. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/ccp0000179>
- Paivio, S., & Angus, L. (2017). Narrative processes in emotion-focused therapy for complex trauma. *American Psychological Association*. <https://doi.org/10.1037/0000041-000>
- Rogers, C. R. (1963). Toward a science of the person. *Journal of Humanistic Psychology*, 3(2), 72-92. <https://doi.org/10.1177/002216786300300208>
- Rogers, C., & Kinget, M. (1977). *Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva*. (Vol. 1., M. Bizotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1962).
- Rennie, D. L., Bohart, A. C., & Pos, A. E. (2010). *Eugene Gendlin: Experiential philosophy and psychotherapy*. In L. G. Castonguay, J. C. Muran, L. Angus, J. A. Hayes, N. Ladany, & T. Anderson (Eds.), *Bringing psychotherapy research to life: Understanding change through the work of leading clinical researchers* (pp. 165-174). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/12137-014>
- Sampaio, T. P. D. A., & Lotufo Neto, F. (2021). O lugar dos ensaios clínicos aleatorizados na pesquisa em psicoterapia: uma crítica epistemológica. *Psicologia USP*, 32. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200015>
- Schneider, K. J. (1999). Multiple-case depth research: Bringing experience-near closer. *Journal of Clinical Psychology*, 55(12), 1531-1540. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4679\(199912\)55:12<1531::AID-JCLP10>3.0.CO;2-F](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4679(199912)55:12<1531::AID-JCLP10>3.0.CO;2-F)



- Sousa, D. (2017). *Existential Psychotherapy: The Genetic-Phenomenological Approach*. Palgrave Macmillan US.
- Stenzel, L. (2022). Ser-e-estar-entre: a condição intersubjetiva da relação terapêutica. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 2(3), 378–391. <https://doi.org/10.62506/phs.v2i3.106>
- Stenzel, L., & Angus, L. (2023). Processos narrativo-emocionais em psicoterapia: tradução e adaptação trans-cultural para o português do narrative-emotion process coding system 2.0. *Psicologia Clínica*, 35(2), 407-433. Epub 23 de agosto de 2024. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652023000200407&script=sci_arttext
- Stenzel, L. M., & Gomes, W. B. (2023). Perspectiva de Segunda Pessoa em Psicoterapia: as inovações fenomenológicas de Carl Rogers. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 40. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2023.39998>
- Timulak, L. (2024). Personalized context-sensitive emotion-focused therapy. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 1–11. <https://doi.org/10.1007/s10879-024-09618-7>
- Ward, T., Vertue, F. M., & Haig, B. D. (1999). Abductive method and clinical assessment in practice. *Behaviour Change*, 16(1), 49–63. <https://doi.org/10.1375/behc.16.1.49>
- Watson, J. C., & Wiseman, H. (2010). Laura Rice: Natural observer of psychotherapy process. In L. G. Castonguay, J. C. Muran, L. Angus, J. A. Hayes, N. Ladany, & T. Anderson (Eds.), *Bringing psychotherapy research to life: Understanding change through the work of leading clinical researchers* (pp. 175–183). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/12137-015>